

Crônicas do JH: Informação e Entretenimento no Telejornalismo Contemporâneo¹

Adrienne Fioravante MARQUES²
Sara Alves FEITOSA³
Universidade Federal do Pampa, São Borja, RS

RESUMO

O trabalho tem como objetivo analisar as *Crônicas* exibidas no Jornal Hoje, da Rede Globo de Televisão. O artigo inicia com o pressuposto de que as *Crônicas*, no telejornalismo, representam um formato diferenciado de contar histórias, através do olhar de correspondentes especiais. A metodologia utilizada é à *Análise de imagens em movimento*, de Diana Rose. O trabalho é resultado de pesquisa de conclusão de curso e se justifica por evidenciar uma carência de produções bibliográficas que deem conta de analisar, discutir e problematizar as potencialidades que o telejornalismo oferece para a utilização de outras formas de fazer jornalismo. Dentre os resultados da pesquisa destaca-se a presença de linguagens textuais e visuais diferenciadas nas *Crônicas* analisadas, além de uma forte tendência à experimentação de novos gêneros e formatos no telejornalismo contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; jornal hoje; crônicas;

INTRODUÇÃO

O telejornalismo vem passando por diversas transformações ao longo do tempo que envolvem desde os padrões de noticiabilidade, até regras básicas como a forma de redigir um texto e a maneira de se portar frente às câmeras. Seguindo este contexto, o *Jornal Hoje* (JH), exibido na Rede Globo de Televisão é destaque, sendo o primeiro telejornal da emissora com maior liberdade expressiva de produção telejornalística. Dono de um estilo inovador e ousado, há 44 anos o JH produz conteúdos informativos e de entretenimento para os espectadores.

Este trabalho tem como objeto de análise o quadro fixo *Crônicas*⁴, exibido aos sábados no Jornal Hoje. O objetivo geral do trabalho consiste em analisar o quadro, a partir da perspectiva de um formato diferenciado de contar histórias e com objetivos específicos de mapear as características que predominam nas *Crônicas* do JH; identificar quais traços

¹ Trabalho apresentado no II – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Graduada do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa-Unipampa, email: adrienne.fioravante@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa-Unipampa, email: sarafeitosa@unipampa.edu.br.

⁴ O nome do quadro é moldado de acordo com a cidade na qual a *Crônica* é produzida.

estão presentes nas *Crônicas*, que aproximam o texto telejornalístico ao texto literário; e, relacionar este formato com as transformações do telejornalismo nos últimos anos.

Ao realizar uma pesquisa exploratória sobre a temática telejornalismo, gêneros televisivos, *Crônicas* do JH e experimentações em telejornalismo foi constatada uma carência de produções bibliográficas que dessem conta de analisar, discutir e problematizar as potencialidades que este formato televisivo oferece. Partindo deste pressuposto, de falta de material científico para consulta é que a pesquisa torna-se relevante, contribuindo nos estudos direcionados ao telejornalismo. Além de ser caracterizada pela originalidade, por estar atenta para as mudanças em curso no telejornalismo contemporâneo.

Com relação à metodologia, se trata de uma pesquisa qualitativa, empírica - pois manipula um conjunto de materiais audiovisuais – *As Crônicas*, fundamentada na pesquisa bibliográfica, desenvolvida com base em materiais já elaborados, como livros e artigos, e ainda pesquisa exploratória. Para a análise utilizam-se duas técnicas combinadas: Análise de imagens em movimento, de Diane Rose e Categorias analíticas para o estudo da interação entre três dimensões da informação televisiva: imagens, mensagens linguísticas no ecrã e som, de Estrela Serrano. A pesquisa analisou quatro *Crônicas*, mas para este trabalho apresenta-se apenas a *Crônica* As peixeiras portuguesas, do correspondente André Luiz Azevedo.

Jornal Hoje: Informação e Entretenimento no Telejornalismo

Reconhecido por um estilo próprio e inovador, o Jornal Hoje é um dos telejornais mais antigos da Rede Globo de Televisão. O noticiário vai ao ar de segunda-feira a sábado na faixa de horário após o almoço, depois do Globo Esporte, iniciando às 13h15 e encerrando por volta de 13h50. O noticiário é caracterizado pela forma singular de levar informação e entretenimento até a casa dos espectadores brasileiros.

O JH foi ao ar a primeira vez em 21 de abril de 1971, com transmissão restrita até então apenas para o Rio de Janeiro. Na época o telejornal surgiu com um estilo intitulado “revista diária”, no qual Léo Batista e Luís Jatobá apresentavam para os telespectadores matérias de cunho cultural, como arte, espetáculos e entrevistas. Três anos depois de sua estreia, em 1974, o noticiário passou a ser exibido em todo o território brasileiro, aderindo à sua linha editorial um formato de programa mais diversificado.

O Jornal Hoje não foge dos padrões estéticos de outros telejornais brasileiros, mas ganha destaque no tratamento e na forma como são narrados os acontecimentos do Brasil e

do mundo. O JH, segundo Diniz (2011, p.2) “é caracterizado como um telejornal-revista, o que significa o uso de uma linguagem mais coloquial e com menos formalismo, quando comparado aos telejornais tradicionais”. O estilo de discurso jornalístico incorporado pelo JH distancia-se do formato sistematizado e hierarquizado seguido pelos telejornais tradicionais. O Jornal Hoje parece ter tendência a aderir a um formato peculiar sobre o tratamento das notícias, incorporando um estilo mais leve, curioso e até divertido no fazer jornalístico. Gaye Tuchmann (1978), socióloga da comunicação, propõe uma classificação para as notícias na qual é possível identificar o estilo adotado pelo JH, sendo as *hard news* e as *soft news*. A primeira classificação é descrita em notícias com estilo formal e objetivas, destacando a imparcialidade expressa no texto⁵. A segunda classificação denominada *soft news* expressa maior liberdade narrativa, com o uso de textos criativos e recursos visuais. Os assuntos⁶ abordados nessa classificação tendem a aproximar os conteúdos ao cotidiano do público espectador e explorar a informação com elementos do entretenimento, o que é visivelmente utilizado pelo Jornal Hoje, em algumas de suas matérias.

A forma descontraída e informal que as notícias são narradas é um dos aspectos centrais que o torna singular. O *feeling* para a transmissão das notícias é um ponto notado nos apresentadores que desfazem a ideia de uma apresentação distanciada da notícia, e participando, sentindo e se emocionando⁷ com determinados acontecimentos. Outro aspecto importante é a emissão explícita de opiniões pelos apresentadores, que deixam notoriamente expostas as posições diante dos fatos, e esse aspecto é expresso tanto no texto quanto no comportamento corporal e facial. Esses posicionamentos podem ser caracterizados como uma forma de aproximação com os espectadores, criando certa conversação entre eles.

Além das notícias o telejornal adere a uma linha editorial segmentada pelo entretenimento e pela prestação de serviço. Ao longo da semana e no sábado são exibidos quadros temáticos que abordam assuntos específicos de interesse geral, como cultura, turismo, arte e vagas de emprego.

Crônicas do JH

⁵ Temas como saúde, política, educação, segurança e economia são os mais recorrentes na classificação *hard news*.

⁶ Temas como esportes, cultura e celebridades adequam-se a classificação de *soft news*.

⁷ O apresentador Evaristo Costa se emocionou ao vivo na bancada, em agosto de 2015, ao comentar a reportagem sobre o espancamento de um menino, em Charqueadas – RS. A apresentadora Sandra Annerberg também não conseguiu disfarçar a emoção, em maio de 2013, quando comentou sobre a situação de famílias que saem em busca de parentes perdidos nas drogas.

O quadro temático *Crônicas* é uma das peculiaridades do Jornal Hoje. Ele é formado por correspondentes internacionais que mostram através do seu olhar os mais variados aspectos, como cultura, cotidiano e atrações turísticas das cidades onde estão trabalhando. As *Crônicas* surgiram em 2011, apresentando curiosidades e fatos do cotidiano dos nova-iorquinos, na época quem apresentava a cidade era a correspondente Giuliana Morrone⁸. No mesmo ano, as produções foram ampliadas para outros locais, como Lisboa, Buenos Aires e Japão no comando de outros correspondentes⁹.

Em suas *Crônicas* os repórteres possuem maior liberdade produtiva e estilística. O estilo linguístico é mais leve e ousado, sem muitas formalidades ou regras, a objetividade é equilibrada com a sutileza da subjetividade do jornalista, as imagens são ricas em detalhes.

METODOLOGIA

Para este trabalho foi adotada a proposta metodológica de *Análise de imagens em movimento*, no qual é baseada na técnica descrita por Diana Rose (2013), no livro “Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som”, de Martin W. Bauer e George Gaskell. Em seus estudos, Rose visualiza uma necessidade de pesquisa aprofundada no campo da televisão e de outros materiais audiovisuais, capaz de ultrapassar estudos em níveis mais gerais da área possibilitando uma análise em nível mais detalhado, de conteúdo e estrutura. Segundo a autora “A televisão é um meio audiovisual e deverá existir algum modo de descrever o visual, bem como a dimensão verbal” (ROSE, 2013, p. 349). Neste sentido, Diana Rose estrutura a metodologia em quatro fases: seleção, transcrição, codificação e tabulação. No entanto é pertinente destacar que neste trabalho não é realizada a codificação e a tabulação sugerida pela autora, pois essas etapas não são relevantes para a problematização apontada nos objetivos do trabalho, sendo assim os passos adotados são basicamente a seleção, a transcrição e a análise dos dados relacionados aos discursos verbais e imagéticos.

A estrutura e o conteúdo são as principais fontes que constituem o conjunto de dados para a análise. Para aplicar a técnica, Diana Rose propõem um cronograma passo-a-passo com a intenção de facilitar a análise. O primeiro passo consiste na coleta das amostras e na seleção dos materiais:

⁸ Giuliana Morrone foi correspondente em Nova York até 2012. Para se despedir da cidade ela preparou uma crônica especial. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/videos/t/edicoes/v/giuliana-morrone-se-despede-de-nova-york-com-uma-chronica-para-o-jh/2063109/>.

⁹ No período de realização da pesquisa (2015/02) observou-se que eram cinco correspondentes mais frequentes no quadro: André Luís Azevedo, Roberto Kovalick, Marcio Gomes, Cecília Malan e Délis Ortis. Eventualmente Jorge Pontual, Ilze Scamparini e Alan Severiano também apresentam crônicas.

A primeira tarefa é fazer uma amostra e selecionar o material para gravar diretamente. Que programas serão selecionados, dependerá do tópico da área a ser pesquisada e da orientação teórica. Por exemplo, um pesquisador pode estar particularmente interessado em um tópico que é tratado, principalmente por programas documentários. Ele / Ela pode até mesmo ter um conhecimento aprofundado de programas que tenha a ver com o tópico. Mesmo com esse nível de conhecimento, o processo de seleção não é simples. O que deixar fora é importante quanto o que vai se incluir, e irá afetar o restante da análise (ROSE, 2000, p. 346).

Nesta primeira fase do processo é preciso ter cautela e precisão para a escolha e posterior seleção dos materiais destinados à análise, pois é a partir desse momento que são encaminhadas as escolhas para o segundo passo, que seguindo o cronograma de Rose é a transcrição do material.

A transcrição é o momento de gerar por meio das imagens, um conjunto de elementos que são apontados minuciosamente a partir de um olhar detalhado do pesquisador: “A finalidade da transcrição é gerar um conjunto de dados que se preste a uma análise cuidadosa” (ROSE, 2013, p. 348) e para que isso aconteça, os materiais são analisados em dimensões separadas, sendo: dimensão visual e dimensão verbal (incluindo o áudio). O processo de transcrição ocorre em duas colunas compostas pelos elementos citados acima. A coluna da esquerda apresenta a descrição de aspectos visuais e imagéticos, e a coluna da direita apresenta aspectos verbais e de áudio. A divisão representa um meio capaz de visualizar elementos significativos e que são expressos mais facilmente com a aplicação deste método. Conforme Diana Rose, o conteúdo nunca se constitui separadamente da estrutura narrativa, mas esta divisão é necessária para colocar em prática a fase da transcrição, e na sequência analisar o contexto como um todo. Essa descrição é realizada destacando os aspectos de interesse pessoal do pesquisador, de acordo com objetivo final do trabalho.

Análise da Crônica *As peixeiras portuguesas*

Na *Crônica* “as peixeiras portuguesas” são explorados vários elementos do campo visual: Uso de imagens de arquivo; Diversidade de enquadramentos; Informação tipográfica endógena, Efeitos de transição e movimentos de câmera e ângulo diferenciados.

A utilização de imagens de arquivo foi um recurso que serviu de base para a *Crônica*, assim como a exposição sobre as peixeiras no museu da cidade. A primeira sequência desta *Crônica* é de imagens de arquivo e retratam em conjunto com o off do correspondente, como é o cotidiano das portuguesas que ganham a vida vendendo peixe. Esse recurso é utilizado também no momento em que o correspondente e o historiador estão

conversando, no qual imagens de arquivo cobrem a conversa e ilustram o dia a dia das peixeiras. Para o final da *Crônica* outras imagens de arquivo foram utilizadas (Fig. 01).

Figura 01: imagens de arquivo



Fonte: internet/globoplay

O uso de imagens aéreas, por meio de uso de drone¹⁰ ou helicóptero é um recurso adotado em dois momentos na *Crônica*. O primeiro acontece quando é anunciado o mercado abastecedor (Fig. 02) e o segundo quando é mencionado a exposição no museu, sobre as peixeiras portuguesas (Fig. 03).

Figura 02: Imagem aérea do mercado



Fonte: internet/globoplay

Figura 03: Imagem aérea do museu

¹⁰ Veículo aéreo não tripulado (VANT).



Fonte: internet/globoplay

Em ambos os casos, as imagens apresentam os objetos de longe, do alto e com vista geral garantindo o sentido de localidade e dimensão. Com relação às categorias de análise foi verificado a referencialização nos momentos em que aparece o mercado e o museu.

Com relação aos enquadramentos, foi observado o uso variado de planos e ângulos, distribuídos ao longo da *Crônica*. O momento em que o correspondente está conversando com o historiador (Fig.04) é um exemplo. Neste caso, o enquadramento posiciona o correspondente de frente para a câmera e deixa a fonte de costas, sem o intuito de restringir seu rosto, pois em outros momentos ele aparece de frente para a câmera. Esse tipo de situação dificilmente acontece no telejornalismo tradicional, com exceção de casos em que não é permitido identificar o entrevistado. No caso desta *Crônica* o enquadramento parece garantir uma centralidade do repórter como condutor da narrativa.

Figura 04: plano não convencional



Fonte: internet/globoplay

Nesta *Crônica*, a diversidade de planos e ângulos utilizados contribui com uma narrativa dinâmica que, em determinados momentos, se distancia do telejornalismo convencional. As figuras abaixo (Fig.05, Fig.06, Fig.7 e Fig.8) representam alguns dos planos e ângulos identificados.

Figura 05: Plano conjunto



Fonte: internet/globoplay

Este plano de enquadramento foi utilizado na *Crônica* em vários momentos, na figura acima, por exemplo, ele teve a finalidade de identificar uma parte do mercado e evidenciar a presença dos personagens na cena.

Figura 06: Meio primeiro plano



Fonte: internet/globoplay

O Meio Primeiro Plano (MPP), tendo como proposta evidenciar a presença dos personagens da tela, na *Crônica* especificamente representa a relação entre o correspondente e Açucena, destacando a forma amigável como ambos parecem conduzir a conversa.

Figura 7: Primeiríssimo plano



Fonte: internet/globoplay

No caso do Primeiríssimo Plano (PPP), a intenção é enfatizar as expressões da personagem. Na *Crônica* há uma sequência em que este tipo de plano é utilizado com o objetivo de evidenciar o cuidado das peixeiras com a aparência.

Com relação as categorias de análise foi identificado o predomínio do áudio, reforçando a contextualização da *Crônica*, no qual imagem e áudio integram e se complementam.

Figura 8: Plano detalhe



Fonte: internet/globoplay

Neste caso, o Plano Detalhe (PD) está relacionado com a ação didática de ensinar aos espectadores como escolher bem um peixe.

A variação simultânea dos planos na *Crônica* foi uma escolha pensada provavelmente em conjunto, entre o correspondente e o cinegrafista. Cada plano propõe um sentido, uma ideia a ser transmitida, como a identificação do ambiente da cena, o realce dos personagens no quadro e o destaque para determinado assunto evidenciado no off do correspondente.

Com relação aos ângulos foi observado que ao longo da *Crônica* são empregados os três tipos: normal, plongée (Fig.9) e contra-plongée (Fig.10).

Figura 9: PG - ângulo plongée



Fonte: internet/globoplay

Figura 10: MPP - ângulo contra-plongée



Fonte: internet/globoplay

O ângulo normal é o mais recorrente na *Crônica*, porém os outros dois tipos foram utilizados em momentos estratégicos, com intenções definidas. Na imagem do interior do mercado, por exemplo é possível observar o uso do ângulo plongée, momento em que a câmera é levemente inclinada para baixo. Nesta situação, além do ângulo, o plano geral também foi determinante para ambientar o telespectador sobre o local apresentado. Já o ângulo contra-plongée identificado (Fig.10), por exemplo, na situação em que Açucena mostra o peixe para a câmera, produz um sentido de “engrandecimento” do personagem. Esse tipo de ângulo é pouco comum no jornalismo audiovisual, porque ao representar sentido de grandeza significa uma valorização expressiva do personagem que é capturado, entrando em conflito com a ideia de imparcialidade¹¹ (sem posicionamento) pretendida pelo jornalismo.

¹¹ Este é um tema que não cabe aprofundar aqui, no entanto é importante observar que é a imparcialidade que diferencia o discurso jornalístico do discurso de outros agentes, que podem tentar (e frequentemente tentam) mobilizar tais valores, mas sempre o fazem a partir de uma posição interessada (porque parcial). O que ganha curso na sociedade como sendo a verdade jornalística é o discurso produzido de acordo com as estratégias de isenção descritas pela literatura sobre *newsmaking*. No entanto, este discurso é socialmente situado, como qualquer outro. Os critérios que definem o que é importante e o que é interessante – ou seja, o que é notícia – refletem uma perspectiva de mundo, um modo de olhar o social. Sobre o tema ver: Miquel Alsina (2009); Stuart Hall (1993).

Identificou-se também na *Crônica*, a presença de informações tipográficas endógenas que consiste no uso de “palavras e textos gráficos que aparecem fazendo parte do cenário” (Tietzmann, s/d, p.5). Esse elemento gráfico foi localizado em dois momentos, o primeiro na situação em que o correspondente vai em direção à banca de peixe (Fig.11) e o outro quando o correspondente conversa com a fonte, no mesmo local. No telejornalismo esse recurso pode ser utilizado para substituir o GC¹².

Figura 11: Tipografia endógena



Fonte: internet/globoplay

Nos dois casos citados acima, a informação tipográfica endógena serviu como uma espécie de “letreiro” indicando o nome da personagem principal: Açucena Veloso. Seguindo a mesma lógica, foi observado ao longo da *Crônica* a ausência do Gerador de Caracteres nos momentos em que o correspondente entra em cena falando diretamente para a câmera, o que caracteriza uma passagem¹³. Acredita-se que a ausência desse elemento não foi um erro da produção, mas sim uma escolha proposital, devido a maior liberdade produtiva que a *Crônica* apresenta.

Com relação aos efeitos de transição é identificada a aplicação de Fusão (Fig.12 e Fig.13), Fade-out (Fig.14 e Fig.15) e *Slow motion* (câmera lenta). Os três efeitos foram utilizados em poucos momentos da *Crônica*. Mas chama a atenção por serem figuras, especialmente o *slow motion*, típicas das narrativas ficcionais e no caso do jornalismo restrito até bem pouco tempo ao esporte.

Figura 12: Antes da fusão

¹² O termo significa Gerador de Caracteres e tem como função indicar o nome e a função de quem aparece na tela.

¹³ Conforme Yorke a passagem “designa o ato de o repórter ficar em pé, diante da câmera, e fazer um relato sobre o assunto que está sendo coberto, falando diretamente para o telespectador” (2006, p. 135).



Fonte: internet/globoplay

Figura 13: Durante o efeito de fusão



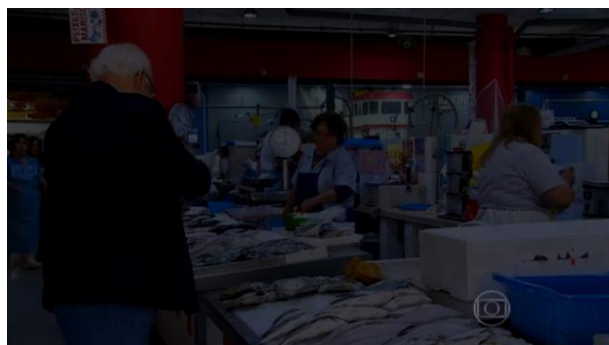
Fonte: internet/globoplay

Figura 14: Antes do efeito de fade-out



Fonte: internet/globoplay

Figura 15: Durante o efeito de fade-out



Fonte: internet/globoplay

A técnica dos movimentos de câmera é observada em alguns momentos da *Crônica*. O uso da panorâmica¹⁴, situação em que a câmera movimenta-se sobre o seu eixo é utilizado, por exemplo, quando Açucena caminha no interior do mercado (03min42). No telejornalismo de modo geral o uso da Pan é utilizado com o intuito de dar uma visão geral do ambiente e identificá-lo, como por exemplo, localizando a fachada de um prédio.

No que se refere ao campo verbal (envolvendo o áudio) da *Crônica* sobre as peixeiras portuguesas, são observados aspectos inovadores na linguagem utilizada pelo correspondente e nos recursos sonoros escolhidos para caracterizar a produção.

A linguagem textual da *Crônica* é guiada pelo olhar do correspondente, que descreve o cotidiano das peixeiras de forma leve e informal. O repórter atua como o mediador (GOMES, 2006) entre o mundo representado na *Crônica* e o espectador.

Exemplo 01:

Correspondente: É uma tradição secular das peixeiras portuguesas. Na beira do rio Tejo, em Lisboa um exército de mulheres aguarda a chegada dos barcos.

O texto na terceira pessoa do plural é outro aspecto interessante de se observar. Distanciando-se das regras dos manuais telejornalísticos (que prevê a impessoalidade do repórter), na *Crônica* o correspondente vai guiando a história de forma personalizada e reforçando a ideia de que ele também faz parte da história.

Exemplo 01:

Correspondente: E até hoje elas dominam a atividade. Mas para contar a história das modernas peixeiras é preciso passar a noite em claro. Estamos na porta da mais famosa peixeira de Lisboa.

Além da *Crônica* ser guiada pelos *offs* do correspondente e pelas dezenas de imagens, a adição de trilhas e de som ambiente são elementos que complementam e reforçam os sentidos da história que é contada. Ao todo, foram contabilizadas 11 trilhas na *Crônica*, embaladas em ritmos mais clássicos e outras em ritmos mais descontraídos.

As primeiras imagens de arquivo em preto e branco e sépia, por exemplo, estavam acompanhadas de trilhas mais clássicas. Já a maioria das imagens capturadas no mercado estavam acompanhadas de trilhas mais animadas, em certos momentos até criando um ritmo constante, enquanto outras tinham apenas a presença do som ambiente, reforçando a

¹⁴ Esse movimento pode ser feito na vertical, na horizontal ou ainda na forma inclinada. Há bibliografias que denominam a pan vertical de *tilt* (GERBASE, s/d).

realidade do local. A trilha e o som ambiente, se bem pensados podem construir um equilíbrio harmonioso entre o conteúdo verbal e a imagem.

Considerações Finais

A proposta inicial deste trabalho era identificar as aproximações da *Crônica* produzida no Jornal Hoje com relação à *Crônica* advinda da literatura. Observou-se que uma das semelhanças entre ambas, que está no sentido original da palavra *Crônica* e na sua aplicação prática, relacionada a tempo e relato do cotidiano de um povo e suas histórias. Além disso, outras similaridades foram evidenciadas, como o tom coloquial presente na comunicação entre os correspondentes e suas fontes, usando de uma linguagem descontraída e conversada, além da identificação de uma proximidade na forma de narrativa dos correspondentes, apontando uma propriedade do que se fala. A partir dessa verificação, constatou-se que o telejornalismo ao introduzir o formato *Crônica* em suas produções, adapta o formato literário em um estilo e características próprias do meio, sem se deter em reproduzir o estilo original da literatura.

As mudanças ocorridas no telejornalismo, nos últimos anos, em questões como produção, cenário e narrativa tornam cada vez mais visível as suas potencialidades da crônica enquanto subgênero audiovisual informativo, capaz de se apropriar de gêneros mais diversificados, como o opinativo para transmitir informação. O telejornalismo, agregado as possibilidades tecnológicas, tem um potencial expressivo para experimentações, usando recursos técnicos, por exemplo, para complementar e aperfeiçoar ainda mais as produções. A *Crônica* (objeto de estudo neste trabalho) apresentou um perfil interessante para estudo, tendo em consideração a sua maior liberdade em termos verbais e visuais.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, André Luiz. **Peixeiras portuguesas são o símbolo das Mulheres de Portugal**. 2015. São Paulo: Rede Globo de Televisão. (Jornal Hoje) (05min28) Disponível em <<http://globoTV.globo.com/rede-globo/jornal-hoje/v/peixeiras-portuguesas-sao-o-simbolo-das-mulheres-de-portugal/4186011/>>

DUARTE, Elizabeth Bastos. **Televisão: entre gêneros, formatos e tons**. Intercom. Rev. Bras. Ciênc. Comum. [online] Santos. 2007. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0399-1.pdf>> Acesso em 22 de maio de 2015

DINIZ, Talita Rampazzo. **A inserção do telespectador no discurso do Jornal Hoje: enquadramentos e representações de um novo modo de interação?**. 2011. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2011/Junho/telespectador_jornalhoje_interacao.pdf>

G1. **História do Jornal Hoje**. 2010. São Paulo. Disponível em <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2010/04/historia-do-jornal-hoje.html>> Acesso em 5 de junho de 2015

GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GERBASE, Carlos. **CINEMA - Primeiro filme. Descobrimo, fazendo, pensando**. [online] Disponível em: <<http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/introducao/>> Acesso em 10 de agosto de 2015.

GOMES, Itania Maria Mota. Telejornalismo de qualidade Pressupostos teórico-metodológicos para análise. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação e-compós. São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/80/80>. Acesso em novembro de 2015.

PATERNOSTRO, Iris Vera. **O texto na TV – manual de telejornalismo**. 3 ed. São Paulo : Brasiliense. 1991.

RAMOS, Gabriela. **A crônica como interseção entre jornalismo e literatura**. Intercom. Rev. Bras. Ciênc. Comum. [online] Minas Gerais. 2012. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/R33-1901-1.pdf>> Acesso em 17 de maio de 2015

ROSE, Diana. **Análise de imagens em movimento**. In: BAUER, Martin W; Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013. p. 343.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. 2 ed. São Paulo: Summus, 2000.

YORKE, Yvor. **Telejornalismo**. São Paulo: Roca, 2006.